

ANÁLISE DE DISTRIBUIÇÃO DE GANHOS NA CADEIA PRODUTIVA DO ARROZ NO ESTADO DE GOIÁS

Carlos Martins Santiago¹; Alcido Elenor Wander²

Palavras-chave: Arroz, cadeia produtiva, distribuição de ganhos

INTRODUÇÃO

A equidade é um dos fatores mais importantes para se medir a sustentabilidade de uma cadeia produtiva. A forma como acontecem as variações de preços e a apropriação dos ganhos são analisados no decorrer do artigo, de maneira a esclarecer sobre quem ganha mais com as oscilações de preços do arroz no mercado de Goiás.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a distribuição de ganhos ao longo da cadeia produtiva do arroz. Por meio de um recorte vertical na cadeia é estabelecido o campo de análise: Produtor, Agroindústria, Mercado Varejista.

MATERIAL E MÉTODOS

A análise de distribuição de ganhos na cadeia produtiva do arroz, leva em consideração especificamente os elos: Produtor, agroindústria e comércio varejista. Esse é o recorte vertical feito na cadeia produtiva do arroz para análise.

Com base em dados da CONAB é feita a conversão da saca de 60 para 50 kg de Goiás e Mato Grosso, para igualar a unidade de medida com o Estado do Rio Grande do Sul. Coletaram-se os preços pagos aos produtores de Goiás e Mato Grosso pelo arroz Classe Longo Fino, com média de 59% de Grãos inteiros nos meses de Setembro de 2010 e Março de 2011. A coleta de preços foi feita com relação a preços pagos em Goiás, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

No passo seguinte, foi feito o levantamento no CEASA/GO, dos preços praticados pela indústria naquele estabelecimento para a venda no atacado para o mercado varejista. O preço pesquisado foi do Arroz Classe Longo Fino, Tipo 1, fardo de 30 kg. Preço praticado em Goiânia no mês de Setembro de 2010 e Março de 2011.

Coletou-se em oito supermercados de Goiânia o preço do pacote de cinco quilos do arroz Classe Longo Fino Tipo 1, das cinco marcas mais vendidas nesses estabelecimentos comerciais. Calculou-se a média aritmética simples da variação dos preços do primeiro ao quinto lugar no *ranking* das marcas mais vendidas em Goiânia, nos meses de Setembro 2010 e Março 2011.

Com base nesses dados foi calculada a média aritmética simples da variação dos preços pagos ao produtor, preços pagos à indústria e preços pagos no comércio varejista. O resultado é transformado em gráfico e analisado de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados observou-se uma queda de 20,03% nesse período, nos preços pagos aos produtores no Estado de Goiás. No Rio Grande do Sul, Observou-se uma queda de preços na ordem de 20,70% ao produtor. No Estado do Mato Grosso, a queda de preços pagos ao produtor foi de 7,3% no período analisado.

A Figura 1 revela o comportamento dos preços ao produtor no período de setembro

¹ Mestrando em Desenvolvimento Regional pelas Faculdades Alves Faria – ALFA, Analista de Transferência de Tecnologia. Embrapa Arroz e Feijão, Rodovia GO-462, Km 12, Fazenda Capivara, CEP 75375-000 Santo Antônio de Goiás - GO, email: carlosm@cnpaf.embrapa.br.

² Engenheiro Agrônomo, Doutor em Economia Agrícola. Embrapa Arroz e Feijão. email: awander@cnpaf.embrapa.br.

de 2010 a março de 2011.

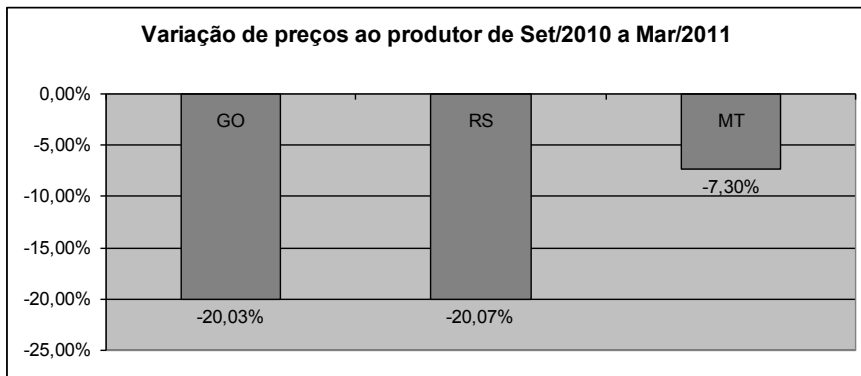


Figura 1. Variação de preços médios do arroz em casca pagos ao produtor em GO, RS e MT no período Setembro/2010 a Março/2011.
Fonte: CONAB (2011).

Para os preços praticados pela agroindústria para venda, observou-se uma variação no período de -3,45%. No mercado varejista se chegou a uma variação de preços de -1,11% em média.

Embora tenha havido uma forte queda de preços ao produtor no mês de Março de 2011, chegando a 20,03% no estado de Goiás, percebe-se que a indústria não repassou essa baixa de preço para o elo seguinte. O repasse foi de apenas -3,45% de redução no preço de venda do fardo, para o mercado varejista. Por sua vez o mercado varejista não repassou ao consumidor final a diminuição de 3,45% no valor do produto, repassando apenas 1,11% de desconto para o consumidor final. A Figura 2 mostra as perdas em cada um dos elos.

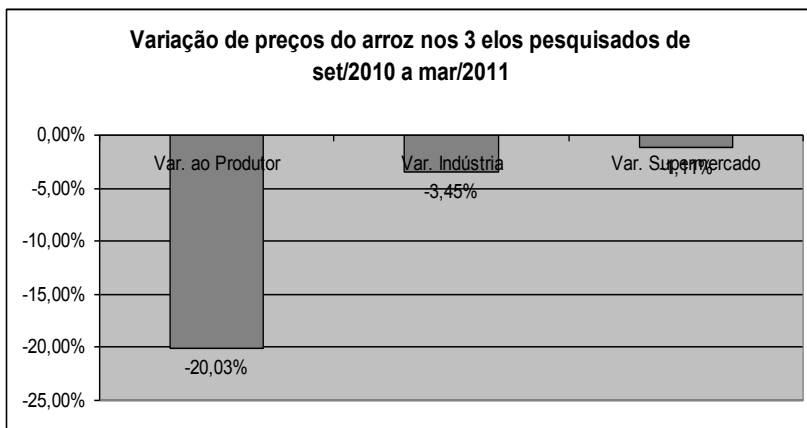


Figura 2. Variação de preços do arroz nos 3 elos pesquisados em Goiânia, setembro de 2010 a março de 2011.
Fonte: CEASA, CONAB e dados de pesquisa.

Trata-se de uma situação de desequilíbrio na cadeia produtiva, onde o produtor de

arroz, que representa o elo mais frágil, sente uma redução considerável no preço de seu produto, enquanto que nos elos seguintes esta redução não é repassada, sendo apropriada, neste caso, principalmente pelo elo industrial da cadeia.

CONCLUSÃO

O elo Indústria absorveu para si, 15,45% do valor pago ao produtor, não repassado para os elos seguintes na forma de desconto. Isso indica desequilíbrio na distribuição dos ganhos ao longo dos elos da cadeia produtiva do arroz. A necessidade de comercialização do arroz pelo produtor no momento da colheita permite a migração dos ganhos para o elo seguinte.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pelo auxílio financeiro recebido para o levantamento de dados no âmbito do projeto "Desenvolvimento Tecnológico e Competitividade das Cadeias Agroindustriais do Estado de Goiás" (Chamada 02/2007 - Programa de Fortalecimento da Ciência).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, M. O.; SILVA, A.L. da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, M.O. (Org.). **Gestão agroindustrial**. CEPAL: Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 23 – 63.

CONAB - <http://www.conab.gov.br> acessado em 02, 06, 11, 17 e 26/05/2011.